

## QUE TAL UM *STOP MOTION*? – CONTO E ANIMAÇÃO EM SALA DE AULA

Líllian Régis  
Universidade Federal da Paraíba  
Lindjane Pereira  
Universidade Federal da Paraíba

### 1. Introdução

Despertar o interesse dos alunos pela leitura é um desafio antigo e diário do professor que vem se tornando cada vez mais complexo diante de uma sociedade marcada pela tecnologia. Rodeados por imagens, sons e pelas quase infinitas possibilidades multimídias que o computador e a Internet trouxeram, nossos jovens têm dificuldade de parar, sentar diante de um livro, se concentrar e, assim, descobrir o prazer e o conhecimento que a leitura proporciona.

Em meio a esse cenário, é fundamental que o docente se reinvente, se aproprie dessas novas linguagens que tanto atraem os alunos e as utilize em favor da educação e, mais especificamente, da leitura. É preciso mostrar que no mundo as coisas são interligadas, não são excludentes e que, ao contrário disso, bebem umas nas fontes das outras. Aquele filme, aquele game ou aquele *stop motion* legal que os alunos viram na Internet nasceu a partir de uma história escrita, do texto literário.

A ideia geral deste artigo é a de incentivar o professor a usar a tecnologia como um ímã, uma ponte para transportar os alunos à leitura. Com esse objetivo, propomos que o docente use o *stop motion*, uma técnica de animação fácil de ser executada, para o ensino do gênero conto. Entre os gêneros literários, este é um dos mais propícios à tarefa de despertar o interesse pela leitura, não só por ser uma narrativa curta, adequada para o trabalho em sala de aula, mas notadamente porque, ao longo do tempo, foi se firmando como uma literatura de alta qualidade que hoje se encontra ao alcance de qualquer professor. No Brasil, por exemplo, temos uma vasta produção de contos imortalizados, como os de Machado de Assis e os de Clarice Lispector, entre tantos outros.

Sem querer nos aprofundar na discussão teórica que cerca o conceito e as fronteiras do conto, adotamos as palavras de Poe (2004, p.3), pioneiro do conto como gênero de ficção, e da sua teoria da unidade de efeito segundo a qual a força do conto é a de poder ser lido de uma só vez, o que potencializa as reações que ele é capaz de

provocar no público leitor. “Os interesses do mundo que intervém durante as pausas da leitura modificam, desviam, anulam, em maior ou menor grau, as impressões do livro”, acreditava o escritor norte-americano considerado mestre dos contos de horror.

Nesse mesmo sentido, nos baseamos nas ideias de Cortázar (2006) a respeito do conto que nos levam a pensar que a grandeza desse gênero – o seu poder de atração e conseqüentemente o seu potencial para ser usado em sala de aula – está ligada à sua forma, mas vai muito além dela. Com ele, aprendemos que o conto vence o seu leitor de um só golpe: “Um escritor argentino, muito amigo do boxe, dizia-me que nesse combate que se trava entre um texto apaixonante e o leitor, o romance ganha sempre por pontos, enquanto que o conto deve ganhar por *knock-out*” (CORTÁZAR, 2006, p. 152). Mas esse golpe fatal só acontece se o conto trazer em si a significação, a tensão e a intensidade.

De maneira simples, segundo Cortázar (2004, p. 157-158) a tensão do conto está no fato dele eliminar tudo o que não é essencial, todos os recheios ou situações transitórias. A intensidade, por sua vez, está ligada à maneira como o autor nos aproxima lentamente do conto, exercendo uma atração sobre o leitor que se vê preso ao conto. A significação está no fato do conto ir muito além de seus limites físicos, de projetar o leitor para além daquelas palavras escritas. Comparando o conto e a fotografia, o autor (2004, p. 151-152) afirma:

Fotógrafos ou contistas sentem a necessidade de escolher ou limitar uma imagem ou acontecimento que sejam *significativos*, que não se valham por si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou conto.

Nesse mesmo sentido, para essa proposta são fundamentais as palavras de Píglia (2004) também centradas na ampla significação do conto. Para o autor, um conto sempre conta duas histórias. “Um relato visível esconde um relato secreto, narrado de um modo elíptico, fragmentário. O efeito de surpresa se produz quando o final da história secreta aparece na superfície”. (PÍGLIA, 2004, p. 89).

Esse entendimento do escritor argentino, que compreendemos como peculiar ao conto, pode ser abordado em *Felicidade Clandestina*, de Clarice Lispector. Se contar duas histórias, uma nas tramas da outra, entrelaçadas, é o objetivo do contista, vamos

procurar desvendar com os alunos qual a história da superfície e qual a da profundidade e como aquela revela esta última. Nosso objetivo, neste artigo, é, portanto, sugerir uma proposta de abordagem do conto citado, que possa ser utilizada para o ensino de quaisquer contos que o professor julgue interessantes e se dirige a alunos da 1ª série do Ensino Médio.

## **2. O ensino de Literatura – a redescoberta do prazer**

Elaborar propostas de vivência com o texto literário em sala é sempre desafiador. No nosso caso, ainda mais, porque apenas uma de nós é professora e pode refletir sobre sua própria experiência docente. No entanto, a reflexão sobre o ensino de Literatura é uma preocupação comum a ambas. Assim, dentro de nossas limitações e possibilidades e, tendo em vista um ensino literário mais alinhado à fruição, ao prazer proporcionado pela obra é que optamos por este “caminho” metodológico. Segundo Silva<sup>1</sup> (2011, p. 135-136), “(...) é de se supor que a realização de propostas com o texto literário na escola, quando em favor de um prazer desinteressado, traz um lampejo de vida a quem dá acesso a essas experiências (o professor-pesquisador) e a quem as acolhe (o aluno)”.

Sabemos que o ensino datado da Literatura em “escolas” e períodos não proporciona um contato efetivo com os livros ou textos literários, nem dá ao aluno a oportunidade de ter uma experiência prazerosa com as obras, e, portanto, não forma leitores. Nessa perspectiva, concordamos com Todorov (2010, p.31) quando defende o ensino de Literatura centrado nos textos e não nas teorias ou classificações:

(...) não tenho dúvida de que concentrar o ensino de Letras nos textos iria ao encontro dos anseios secretos dos próprios professores, que escolheram sua profissão por amor à literatura, porque os sentidos e a beleza das obras os fascinam; e não há nenhuma razão para que reprimam essa pulsão.

É a partir desta perspectiva que pretendemos trabalhar. Como sabemos, a leitura de narrativas curtas, como o conto, em sala de aula pode se tornar bastante proveitosa exatamente por causa de sua extensão. Esta “vantagem” não deve ser desperdiçada pelo professor que deseja incentivar a paixão pela literatura e formar alunos-leitores. Neste

---

<sup>1</sup> A citação é de Maria Célia Ribeiro da Silva, no artigo “A experiência remontada: vivências com o texto literário na escola”, publicado no livro Pesquisa em Literatura, organizado por Hélder Pinheiro (UFCG). Nele, a pesquisadora incentiva os professores a considerarem sua própria experiência em sala a fim de elaborarem propostas metodológicas para o ensino de Literatura.

ponto, cabe ressaltar que a história de leitura do professor deve servir como base para que ele selecione os contos que serão utilizados em sala.

Mas não somente isto. O repertório de cada professor será indispensável para que ele “contamine” os alunos com paixão pela literatura. De nada valerá indicar um conto ou livro de Clarice Lispector se nunca desfrutamos do prazer de ler uma única linha de sua obra. Silva (2011, p. 146) explica que “é preciso não perder de vista que ele [o professor] também tem uma história pessoal e que, de uma maneira ou de outra, isso se reflete nas suas atitudes quanto ao trabalho com o texto literário”. Daí ser indispensável que o professor considere sua própria relação com a literatura. Questões como “me considero um leitor?” e “que práticas de leitura tenho desenvolvido?”, dentre outras, são importantes de serem feitas e respondidas.

Dito isto, vamos à proposta que foi elaborada considerando que esta seria a aula inicial sobre conto. A ideia é simples: o professor usa um conto para produzir um *stop motion*, o apresenta em sala de aula para em seguida mostrar aos alunos que a base daquela animação é uma história escrita. Conquistada essa atenção inicial, o docente passa a tratar do conto em si mesmo. Depois disso, a ideia é que o professor disponibilize outros textos do gênero para os alunos lerem e, em seguida, produzirem o próprio *stop motion*. Mas, antes de seguir com o “passo a passo” de cada etapa, vamos refletir sobre os porquês de utilizar o *SM* em sala.

### **3. Que tal um *Stop Motion*?**

Por que associar o gênero conto com a técnica de *stop motion*? Em primeiro lugar, porque utilizando um recurso audiovisual trabalhamos dois sentidos da percepção e, atraímos mais facilmente a atenção do público adolescente. Vivemos numa sociedade, massificadamente, imagética. Neste sentido, a visão pode ser um aliado do professor na hora de ensinar.

Em segundo lugar, o *stop motion* é uma técnica bastante conhecida. Provavelmente, a maioria de nossos alunos já assistiu a vídeos neste formato, e esta é uma linguagem acessível a eles. O *SM* também é interessante para alunos de Ensino Médio porque, nessa fase, eles já têm condições de compreender as etapas de produção e de colocá-las em prática. O *stop motion* funcionará como um ‘texto’ motivador para o ensino principal. Além disso, nossa intenção é que o aluno compreenda, na prática, que a literatura se relaciona com outras manifestações artísticas. O cinema, a música, a dança, a pintura, entre outras formas de Arte, “bebem” na fonte literária de autores

clássicos e populares, antigos e contemporâneos. É preciso estabelecer essas relações, percebendo a estética de cada linguagem.

Para produzir um *stop motion* é necessário, apenas, uma câmera fotográfica ou mesmo um celular, o “cenário” em que serão feitas as fotografias e um computador com programa de edição de vídeo como o Movie Maker, do Windows. Na seção “Referências” há um link disponível de uma reportagem que ensina, em detalhes, como tirar as fotos e montar o vídeo. De maneira geral, no entanto, o processo é o descrito acima.

Antes de começar a fotografar é interessante que os alunos elaborem um pequeno roteiro com a sequência de cenas a serem fotografadas/narradas. O professor pode orientar essa etapa. O roteiro deve ser simples, não é necessário entender de técnica cinematográfica para realizá-lo. Ele deve ser feito após a leitura e discussão do conto selecionado por cada equipe. Finalizada a discussão é hora de escolher o material a ser utilizado para fazer as fotos.

Há uma infinidade de possibilidades que vão desde massa de modelar a fotos de pessoas e objetos reais. Tudo depende do gosto dos alunos, da disponibilidade de acesso aos materiais e da relação com o texto literário. Um conto sobre infância, por exemplo, pode ter um ótimo resultado quando adaptado para um *stop motion* feito a partir de bonecos infantis ou desenhos. No nosso caso, utilizamos um quadro negro pequeno e giz escolar para desenhar as cenas de Felicidade Clandestina.

Agora que já discutimos, um pouco, as razões de unir conto e *stop motion* em sala e, também, vimos como utilizar a técnica de animação, vamos ao passo a passo da nossa sequência metodológica.

#### **4. Conto e animação em sala de aula**

- a) **Exibição do *stop motion*:** O professor pode apresentá-lo aos alunos sem dizer que se trata de um *SM* sobre uma obra literária e esperar a reação da turma. Se alguns dos alunos já tiverem assistido ao *SM* ou lido o conto, é provável que seus colegas mais próximos também se interessem, já que aprendemos a gostar de muitas coisas graças ao afeto por nossos pares. Especialmente, na fase da adolescência em que a necessidade de aceitação pelo grupo do qual o adolescente faz parte é grande.

- b) Conversa orientada sobre o *stop motion*:** Funcionará como sondagem. “Vamos conversar sobre o vídeo? Quem já tinha visto”? É provável que a maioria, se não todos, já tenham tido contato com um *SM*. “O que acharam, que sensações o *stop motion* causou? Despertou alguma lembrança?”, podem ser algumas perguntas cabíveis de serem feitas. Se o professor já tiver ministrado aulas sobre os elementos formais da narrativa (narrador, personagens, espaço, tempo) pode retomá-los. Se não, pode introduzi-los sem se preocupar, a princípio, com teorizações.
- c) Leitura individual silenciosa do conto:** Na hora de trabalhar o conto escolhido, é interessante que o professor inicie com uma leitura individual silenciosa. Isso dará ao aluno a oportunidade de experimentar as próprias sensações e ter as primeiras impressões sobre o texto sem a influência de outros. É indispensável para que ele desfrute do prazer estético da obra literária e para que, no momento adequado, possa compartilhar sua opinião com os colegas.
- d) Leitura coletiva do conto:** Após a leitura individual e silenciosa, vamos ler o conto juntos. O professor pode optar por realizar a leitura sozinho ou indicar alguns alunos para ler, um após o outro. Se escolher a primeira opção, deve fazer uma leitura que alterne os tons de voz, de acordo com a “necessidade” do texto, não linear, que acentue as possibilidades de significação. Se optar por uma leitura feita pelos alunos, deve explicar que tipo de leitura seria desejável. Esta segunda opção tem a vantagem de tornar a aula mais participativa. É provável que alguns alunos, voluntariamente, desejem ler parte do conto. O professor deve valorizar essa iniciativa.
- e) Conversa orientada sobre o conto:** Neste tópico, o professor vai levar a turma a interpretar, propriamente, o texto. Um ponto que ele não deve negligenciar são os títulos. Após a leitura de *Felicidade Clandestina* volte ao título e discuta com os alunos sobre este aspecto tão importante do texto. Que ligações há entre o texto completo e seu título? Ele desmente ou confirma a trama? Amplia os significados do conto ou restringe? Este pode ser o momento para trabalhar o tema “felicidade” de modo geral e, em seguida, particular. O que é felicidade na

visão dos alunos? E na visão do narrador do conto? O que seria a “felicidade clandestina”? Será que algum deles já vivenciou uma experiência deste tipo?

- f) Trabalhando a intertextualidade:** Aqui podemos adotar os procedimentos indicados por Amorim (2011, p. 89 e 90) para a leitura do conto em sala. O autor do conto selecionado, no nosso caso Clarice Lispector, escreveu outros gêneros como crônica ou romance? Pode ser interessante trabalhar textos de gêneros distintos do mesmo autor para que a turma comece a estabelecer semelhanças e diferenças entre eles. Assim, se o professor já tiver ministrado aulas sobre crônica, utilizando um texto da autoria de Lispector, pode ser um bom exercício pensar nas relações entre os conteúdos e a(s) forma(s) dos dois gêneros abordados.

Sobre isso, Silva (2011, p. 172), observa que “o trabalho com uma variedade de gêneros, principalmente se relacionados a uma mesma temática, amplia o contato dos alunos com a literatura, definindo aos poucos o grau de interesse deles por um ou outro gênero que, a princípio, não conheciam”. Se o professor tiver escolhido vários contos de uma mesma obra para trabalhar, no nosso caso, o livro homônimo de Clarice Lispector, poderá levar os alunos a refletir sobre a relação entre o conto escolhido e os demais contos do livro. Isso pode ser feito na medida em que as aulas vão acontecendo.

- g) Proposta interdisciplinar:** o professor de Literatura pode atuar junto com o de Filosofia enquanto trabalha o conto *Felicidade Clandestina*. Que tal discutir com os alunos o que pensadores e filósofos de vários períodos da história pensaram sobre o tema “felicidade”? Compreender que as concepções sobre este assunto se modificam com o passar do tempo e com as mudanças históricas é importante para trabalhar noções de individualidade e valores transitórios e permanentes. Esta parceria pode se estender a outras disciplinas e se tornar contínua se os professores conseguirem estabelecer metas e trabalhar conjuntamente. Na seção “Referências” há o link de uma reportagem da Revista Escola online de um texto sobre felicidade para ser trabalhado nas aulas de Filosofia. O professor de Literatura pode sugerir ao colega docente que o utilize ou deixar que ele mesmo proponha o material mais adequado.

**h) Avaliação da aprendizagem:** a proposta é que os alunos se organizem em grupo e produzam um *stop motion* a partir de um conto. O professor pode oferecer uma lista com sugestões de textos. Essa produção se dará extra-classe e contará com as orientações do professor. Para finalizar, a produção de cada grupo deve ser apresentada e comentada em sala. E, claro, os respectivos contos devem ser lidos e o processo de produção de significados (interpretação) do texto literário deve ser retomado. Sem se darem conta, os alunos farão o mesmo caminho percorrido pelo professor na aula inicial. E embora, o resultado prático da aula seja os *stop motions*, será necessário discutir todas as questões levantadas em sala sobre os contos. Assim, a experiência de leitura terá chances de se tornar eficaz. Esse momento de compartilhar, geralmente, é bastante proveitoso. Os alunos costumam ficar empolgados quando visualizam sua própria obra.

### **Considerações finais**

Reafirmamos que tudo o que propomos neste artigo pode ser adaptado à realidade de cada professor, que pode escolher outros contos mais interessantes a sua sala de aula. É claro que desejamos que nossa sugestão metodológica possa ser bem aproveitada e colocada em prática. Nós mesmas faremos isto, uma vez que acabamos de elaborá-la e ainda não tivemos oportunidade de vivenciá-la. Esperamos publicar em ocasião oportuna os resultados de nossa experiência com o conto e o *stop motion* em sala.

Concluimos este trabalho com as palavras de Todorov. O professor não deve esquecer que a principal função da literatura é a humanização. Por isso, é hora de trazer o texto para a realidade dos alunos e os alunos para a ‘realidade’ do texto. Se quisermos elevar a importância da literatura, precisamos aproximar, cada vez mais, texto e leitor. “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”, (TODOROV, 2010, p.92-93). E é isto o que desejamos para todos nós e para nossos alunos.

## Referências

ÁVILA, Roberto. Saiba o que é stop motion e aprenda a criar um vídeo usando a técnica.

Em: <<http://diariocatarinense.clicrbs.com.br/sc/variedades/noticia/2013/08/saiba-o-que-e-stop-motion-e-aprenda-a-criar-um-video-usando-a-tecnica-4222866.html>>

Acesso em: 10 jul. 2014.

CÂNDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CORTÁZAR, Júlio. Alguns Aspectos do conto. In: **Valise de Cronópio**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MORICONI, Ítalo (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINHEIRO, Hélder (org.). **Pesquisa em Literatura**. 2. ed. Campina Grande: Bagagem, 2011, p. 59-93.

POE, Edgar Allan. **Resenhas sobre Twice-Told Tales, de Nathaniel Hawthorne**. Tradução de Charles Kiefer. Bestiario, Porto Alegre, v.1, n.6, 2004. Disponível em: [http://www.bestiario.com.br/6\\_arquivos/resenhas%20poe.html](http://www.bestiario.com.br/6_arquivos/resenhas%20poe.html) Acesso em: 30 jul. 2014.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

Linguagens, códigos e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 239 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 1).

**Secção VEM QUE EU TE CONTO**. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/vem-que-eu-te-conto/>. Acesso em: 12 ago. 2014.

**Proposta de texto: deve-se fazer tudo para ser feliz?** Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/ensino-medio/proposta-texto-deve-se-fazer-tudo-ser-feliz-791949.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2014.

## Filmografia

NORMAL, Beto. GOMES, Marcelo. **Clandestina felicidade**, 1998. BR. Disponível em: [http://portacurtas.org.br/filme/?name=clandestina\\_felicidade](http://portacurtas.org.br/filme/?name=clandestina_felicidade). Acesso em: 09 jun. 2014.